



A morte na perspectiva do fabulário brasileiro: os entes folclóricos e sua relação com a morte

Maximiliano Ruste Paulino Corrêa
Universidade Estadual de Goiás
ocorruptura@outlook.com

Resumo: Tema recorrente dentro do fabulário humano, a morte tem espaço preponderante dentro do folclore brasileiro, servindo como esteio para as mais variadas espécies de estórias, desde aquelas de função moral àquelas de cunho recreativo. Destarte, não é raro nos depararmos com determinados entes do imaginário nacional que possuem intrínseca relação com o conceito de morte, através dele dimanando, caracterizando-se e se mantendo. O trabalho a seguir se propõe, dessa forma, a analisar os mais variados entes e contos brasileiros e seu particular liame com a questão da morte no panorama do imaginário, observando-os dentro da matriz religiosa brasileira. Perpassando por entidades clássicas no imaginário brasileiro, como o corpo-seco, o bradador, o Barba-Ruiva, dentre outros, o seguinte trabalho procura desnudar sua inter-relação com o pós-morte e sua recepção ante às emoções humanas.

Palavras-chave: Morte. Folclore. Entes. Imaginário.

Introdução

E então reconheceu-se a presença da Morte Rubra. Viera como um ladrão na noite. E um a um foram caindo os foliões pelas salas orvalhadas de sangue, e cada um morreu na mesma posição de desespero em que tombou ao chão. E a vida do relógio de ébano dissolveu-se junto com a vida do último dos dissolutos. E as chamas dos braseiros extinguiram-se. E o domínio ilimitado das Trevas, da Podridão e da Morte Rubra estendeu-se sobre tudo.

A Máscara da Morte Rubra, Edgar Allan Poe.

O macabro conto de Poe, ilustrativo ponto de partida para nossa discussão, tem por esteio moral uma crença arraigada no ocidente: a inevitabilidade da morte. O conto narra o egoísmo de um príncipe que, ao ver seu reino tomado pela peste, reúne alguns dos seus e fecha-se num mosteiro encastelado, separando-se do mundo em estado caótico e se crendo livre da morte pungente. A Morte, contudo, num ato de horror aparece-lhes pessoalmente no transcurso de uma festa e leva consigo todos os presentes, incluindo o próprio príncipe, vítimas da peste que se acreditavam livres. O discurso moral é claro: a Morte, além de inevitável, não se detém



por barreiras físicas e não faz distinções de classes, num discurso universalista muito próximo àquele expresso nas *danças macabras*, alegorias do final da Idade Média que representavam a Morte a dançar com os esqueletos dos mortos de diferentes estamentos, encaminhando-os para seus próprios túmulos. Revela-se então sua mais terrível faceta: o horror, o horror, o horror.

Tema de natural inquietação humana, a morte suscita as mais variadas impressões, apreensões e influências ao longo da história do ocidente, que em sua maioria, apesar de aparentemente refratários, conviveram concomitantemente no imaginário dos povos. A ideia de morte em si, da ideia de algo após e do fenômeno do falecimento podem ser interpretados das mais variadas maneiras, conforme veremos adiante.

No Brasil, assim como no conto de Poe, no qual a Morte se apresenta como uma de suas vítimas, a imagem da morte é focada na figura do morto, que exerce papel preponderante em relação à primeira no imaginário brasileiro. O morto, dentro da matriz religiosa brasileira¹, apesar de se encontrar no Além, ou seja, no mundo que é atingido após a morte, é alcançável e comunicável. Essa definição encontra respaldo na semântica da própria matriz, na qual a doutrina espírita, e o purgatório e santos do catolicismo popular tem grande participação.

É importante se pensar em termos de “religiosidade mínima brasileira”, que, a despeito das alterações significativas no cenário religioso de nosso país nos últimos anos, o Brasil é ainda um país marcadamente católico, haja visto os 70% aproximados que se mantêm em dados estatísticos como um reflexo de nossa matriz religiosa. Mesmo tratando-se de um dado discutível, o catolicismo popular brasileiro, à sua maneira, é parte integrante do imaginário de todos nós. (FRANCO, 2008, p. 117).

Destarte, apesar da imensa variedade de crenças e religiões no país, com suas ópticas próprias, a construção da cultura *folk* brasileira no que diz respeito aos mitos se dá, em grande parte, a partir de um processo mimético semelhante ao elaborado por Ricouer (REIS, 2011), no qual a cultura colonizadora, caracterizada majoritariamente pelo catolicismo popular, apreende elementos das culturas dos colonizados e dos escravizados, narrando-os novamente ao seu modo e lhes dotando de novo sentido e finalidade. Observar a cultura *folk* brasileira a partir do constructo oferecido pelo catolicismo popular proporciona um largo quadro dos mitos brasileiros já cristalizados, que servirão mais facilmente de alicerces para nosso objetivo. Contudo, não se deve ignorar a importância das mais variadas visões na construção da cultura

¹ Tomou-se por matriz religiosa brasileira o imaginário construído por sobre as religiões de matriz africana, as de matriz indígena e o catolicismo popular (Franco, 2008, p. 116), ignorando as manifestações de diálogo estabelecidas entre esta e os recentes fenômenos neopentecostais, dignos de uma análise própria.



folk, visto que apesar da mimese colonizadora, houve um processo dialético cultural imperceptível para as partes, que continua ocorrendo a todo instante, uma vez que o fenômeno folclórico preza pelo constante movimento e renovação (CASCUDO, 2000, p. 400).

Assim, localizando ossos que constituem o esqueleto desse trabalho, busquemos estabelecer critérios classificatórios para esses mitos brasileiros que vem a estabelecer direta relação com temas macabros, utilizando de ferramentas sociológicas como amparo para sua constituição.

O morto, o vivo e o não-vivo

Tênue é a linha que separa a vida e a morte humana no imaginário do ocidente. Delumeau (2009), ao tratar sobre o tema, identifica na Europa do fim do Medievo e ao longo da Modernidade, duas correntes a coexistirem no imaginário da época: o duplo, herdada das religiões pagãs europeias e incorporado pelo catolicismo popular europeu, na qual a divisão entre corpo e espírito é simbólica, sendo a morte um processo longo, no qual o espírito permanece ligado ao corpo e o divisionismo dessas partes, apregoada pela Igreja Católica como forma de resistência à influência ritualística e conceitual dessas religiões, onde o ocorrer da morte separa definitivamente o corpo e a alma. Apesar de aparentemente repelentes, ambas considerações sobre a morte coexistiram no imaginário europeu do período, sendo abarcadas pela cultura brasileira à época da colonização e incluídas no imaginário local. O Século das Luzes, embora muito influente na Europa, seu *locus* histórico e onde operou profundas mudanças na percepção de quem é o ente morto, não influenciou de maneira geral o imaginário brasileiro, no qual o duplo e o divisionismo continuaram a dividir mentalidades. Assim, podemos encontrar relatos de corpo-seco – entidade tétrica que, não aceito no Céu ou no Inferno, atem-se à sua carne numa espécie de limbo terreno (CASCUDO, 2012) – e noivas fantasmas – comumente associadas a noivas mortas pouco antes, no decorrer ou logo depois das núpcias – coexistindo no mesmo arcabouço de mitos, ainda que baseados em diferentes concepções sobre a morte: o primeiro criado a partir de uma forte associação entre carne e espírito e a prolixa separação entre ambos e o segundo concebido a partir da choque da separação entre corpo e alma, resultando no vagar desolado do solitário fantasma.

O “não-ser”, algo fora dos limites conhecidos, é o mundo depois do limiar da morte, e por pertencer ao campo da imaginação é constantemente construído e acrescido de



novas simbologias, “escapulindo” à nossa compreensão racional, mas constituindo-se em imaginário. Por isso, o Além é a morada dos seres disformes – como os fantasmas, espíritos, figuras mitológicas e entidades não-humanas de toda a espécie – lembrando-nos da possibilidade de outros estados do ser. (FRANCO, 2008, p. 31-32).

Surge então o terceiro elemento de nossa análise enquanto um outro estado do ser: o não-vivo. Diferentemente do morto, que apresentou-se vivo em condição anterior, o não-vivo ou *encantado* é o ser que nunca esteve necessariamente vivo, assim como não se encontra necessariamente morto: ele está no limiar entre ambas e desfruta de ambos os mundos, sem necessariamente pertencer a nenhum. Dentro de nosso arcabouço mitológico, podemos encontrar diversos entes dessa natureza, como o carniçal, o saci, a Alamoia e assim por diante: existem aqui e lá, simbolizando o limiar entre estes mundos, a ponte representativa entre as duas esferas da existência no imaginário.

Por se encontrarem no limiar entre os cosmos, os *encantados* podem vir a desempenhar as mesmas funções e provocar as mesmas impressões que os mortos em relação aos vivos, embora não seja via de regra: podem suscitar o sentimento de *carência*, na qual os vivos com eles barganham ou o de *estranhamento*, provocado pelo sentimento de medo que, de acordo com Franco (2008), o estado de limiar traz consigo. Esses são, contudo, os sentimentos expressos pelo brasileiro em seu contato com o morto, conforme explanaremos mais adiante, uma vez que a morte, embora natural, ainda produz uma sensação de medo frente ao despir de si no limiar da vida, o estranhamento frente àquele que, embora ainda traga traços do vivo que outrora foi, já não o é.

Posto isso, partamos para considerações de caráter tipológico acerca desses entes a estabelecer tão direta ligação com a morte, observando suas especificidades e criando ferramentas para melhor observá-los e analisa-los.

Por uma tipologia dos entes

Classificar as coisas, de acordo com Silva (1999 *apud* DURKHEIM, MAUSS, 1974), atendem a uma necessidade de delimitar algo com claros contornos, diferenciando-o do outro. Nesse sentido, dentro do estudo do Folclore, temos a Classificação de Aarne-Thompson (THOMPSON, 1946), que resulta da expansão universalista realizada por Stith Thompson da classificação de contos folclóricos elaborada por Antti Aarne, folclorista finlandês do começo do século XX que categorizou os contos populares europeus. Silva (1999) critica duramente os



esteios teóricos a fundamentar essa classificação, uma vez que delinear o fato folclórico é algo demasiado complexo para se tratar de forma tesa.

Contudo, Weber (BARROS, 2010) nos oferece uma interessante ferramenta para analisar o mito – que, apesar da ilustração anterior, é por natureza diferente do conto – sem perder de vista a variabilidade do fato folclórico, ou seja, o objeto de estudo do folclorista. Para melhor exemplificarmos o dilema, tomemos como exemplo a grande quantidade de sacis alvitrada por Lobato (1998) em seu inquérito: no transcurso dos relatos recebidos pelo escritor, percebemos a grande variação que sofre o mito, indo de questões como a constituição física deste frente ao imaginário até o próprio nome do ente em questão. Assim, ao invés de tentar oferecer contornos definitivos ao duende como o fez, teria sido de maior utilidade ao escritor, enquanto estudioso interessado na área, a utilização de um conceito chave na teoria weberiana: o tipo-ideal.

Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isoladamente dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo e que se ordenam segundo os pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento. (BARROS, 2010, p. 164 *apud* WEBER, 2008a, p. 106).

Ou seja, no que tange ao folclore, busca-se características em comum que, apesar de fluxas, atendem a um amarrar externo: o consenso popular. O consenso sobre as características comuns a formarem o saci (negro, pequeno, a usar uma carapuça vermelho, cachimbo na boca e pular numa perna só) é que fornecem a nós, folcloristas, seu tipo-ideal, embora saibamos das mais diversas variações do mito, havendo casos raros desse ser relatado em *causos* esparsos como possuindo duas pernas. Ponto de partida para amarrá-los e subcategoriza-los nesse artigo é sua ligação direta, ainda que de diferentes formas, com o macabro. Assim, encontra-se nessa categorização um interessante instrumento para os demais folcloristas e estudiosos diversos a se depararem com esse tema, sujeito a problematizações e posteriores considerações. Vejamos adiante as categorizações sugeridas aos entes alvitrados.

Dos penitentes

A ideia da penitência após a passagem de um estado para o outro (da vida para a morte) é observável nas mais diferentes épocas e culturas. Delumeau (2009) pontua que os fantasmas, ao deixar penas e assuntos pendentes na Terra ao relação aos aqui viventes, se veem



obrigados à retornar, na forma do duplo ou já dividido, para cumprir sua sentença final. Esses mortos em específico são os *penitentes*, que cumprem uma clara função moral no Brasil, devido à sua forte, embora não total, associação ao pecado cristão. Nesse sentido, desempenham além de sua função moral uma função de acolhimento, ao passo que, vivendo no purgatório, estendem ao imaginário brasileiro a possibilidade de redenção após a morte, que não resultaria em condenação imediata: é, em última instância, a válvula de escape engendrada pelo imaginário para lidar com a face de horror do pós vida criado para evitar lidar com sua finitude. Suprem, nesses parâmetros, o sentimento de *carência* dos vivos em relação aos mortos.

Contudo, estes não voltam a cumprir penas somente em expiação de seus próprios atos, mas também como espíritos vingadores cobertos pela ira e dominados pela violência devido aos atos cometidos por um vivo, não necessariamente em ofensa a ele. Exemplo tácito desse último caso é o canhambora (CASCUDO, 2012), fantasma do escravo muito torturado que, após a passagem, passa a vaguear pelas estradas e açoitar os desatentos que, pelo mero acaso, acabam por interromper a sua pena. Percebe-se nesse caso um terceiro elemento também próprio desse tipo: o choque da morte; de acordo com o construído, a passagem abrupta, violenta, antecipada ou meramente mal quista tem o mesmo valor do pecado: resultam no cumprimento de uma sina pelo morto no mundo dos vivos, suscitando nos vivos o sentimento de *estranhamento*, encontrando fim de sua sina através da intervenção dos vivos ou dos entes solícitos.

Dos solícitos

A partir do século XVIII, o homem ocidental “já se ocupa menos de sua própria morte, e, assim, a morte romântica, retórica, é antes de tudo a morte do outro – o outro cuja saudade e lembrança inspiram, nos séculos XIX e XX, o novo culto dos túmulos e dos cemitérios” (ARIÈS, 2012, p. 66). Para além disso, o morto é visto como aquele que fez a passagem e cruzou o temido e tênue limiar entre a vida e a morte: dessa forma, ele é encarado como sujeito possuidor de segredos e saberes além da compreensão terrena, podendo de acordo com seu desejo e vontade oferecer conselhos, fazer indicações quanto ao futuro, realizar milagres, além de outros auxílios que apenas ele encerra em si a capacidade de exercer. Mormente, para isso são necessárias oblações e devoções, como no caso dos santos católicos, que em troca atendem ao chamado dos vivos. O vivo nesse ponto demonstra sua dependência



imaginária em relação ao morto, sua *carência*, visto que ele possui chaves e segredos que são inalcançáveis ao primeiro.

Essa situação de dependência, para além da saudade e da lembrança, também suscitam no vivo a necessidade de proximidade com o morto, visto que “o Além, para o brasileiro, é um lugar vivo, povoado de seres conhecidos, que há pouco conviviam conosco. Um lugar ao qual devemos ter respeito, orando e mantendo na lembrança a memória acesa da existência de nossos conterrâneos” (FRANCO, 2008, p. 120). Daí cria-se a necessidade de sacralização do lugar onde habita o morto no leito terreno, desde o altar do santo ao túmulo do cemitério, que devido à essa simbologia é tido como lugar sagrado e, como qualquer lugar físico que sirva como ancoradouro para esses entes no imaginário, deve ser resguardado e observado. Essa relação de profundo respeito pela memória do morto e de possível permuta com ele (dá-lhe ofertas físicas das quais ele não pode dispor em troca de artifícios místicos que apenas ele possui) nos é possivelmente herdado das tradições pagãs europeias, como é o caso registrado pelo jansenista monsenhor Soanem, na França, em que ao visitar uma de suas paróquias, descobre que os nativos da região realizavam aos mortos oblações no decorrer do ano que se seguia à sua morte (DELUMEAU, 2009, p. 129) ou, recuando mais ainda no tempo, o culto greco-romano aos mortos, que seguiam similar ritualística (COULANGES, 2005). Entretanto, o contato direto com o ente no limiar nem sempre é bem vista, onde chegamos na sensação de *estranhamento* causada por estes, pois partindo da perspectiva divisionista, a intenção de permuta com aqueles que estão em tal condição podem ser socialmente encaradas como *anatural*, devendo eles cumprir suas próprias designações e os vivos, as suas, sem interferência de um na esfera do outro. Apesar disso podemos afirmar que o ente solícito, por fim, tem por sentido a função de auxiliar os vivos, sendo alcançáveis através de orações, médiuns ou oblações.

Dos necrófilos

Os entes necrófilos, embora não seja via de regra, tendem a integrar o grupo dos vivos ou encantados, como é o caso do lobisomem (que embora se transforme regularmente em besta, retorna à sua forma humana e deverá assim como os demais enfrentar o pavor causado pelo limiar) ou, no segundo caso, o carniçal que, embora encarne características macabras e se alimente de cadáveres, nunca esteve necessariamente vivo, assim como não se encontra morto:



põe-se no limiar entre ambos. O ponto principal que caracteriza esse tipo é sua estrita relação com cadáveres, com o qual estabelecem uma relação profana, seja se alimentando destes ou deles dispondo de outras maneiras. Caracterizam-se ainda, pelo choque dos vivos em relação à eles: diferente dos entes solícitos que podem gerar concomitantemente os sentimentos de *estranhamento* e *carência*, os entes necrófilos causam sempre o *estranhamento* seguido do pavor, como é o caso do Papafigo que, a parte sua iconografia citada por Cascudo (2012) em seu *Ciclo da Angústia Infantil*², é relatado também como um vivo que, devido à distúrbios sanguíneos – seus ou de terceiros – profana túmulos para se alimentar dos fígados dos cadáveres.

Cenários costumeiramente associados a eles envolvem túmulos, covas e cemitérios que, apesar de sacralizados no imaginário, cumprem uma dupla função dentro do folclore, dicotomia esta que está diretamente associada ao turno do dia sobre o qual se constrói o relato, uma vez que “fantasmas, tempestades, lobos e malefícios tinham muitas vezes a noite por cúmplice. Esta, em muitos medos de outrora, entrava como componente considerável. Era o lugar onde os inimigos do homem tramava sua perda, no físico e no moral” (DELUMEAU, 2009, p. 138). Por fim, localizamos a última característica crucial dos entes necrófilos: a noite. Os penitentes, solícitos e agoureiros não possuem, em suma, tempo definido³, que configura uma estrutura fundamental na análise dos entes necrófilos: estes, sendo em sua grande maioria seres vivos que se transformam em algo além, possuem a noite como cúmplice para esconderem dos demais vivos seus mistérios e segredos, mantendo assim inverificável a lisura dos boatos em relação aos mesmos, o que permite a permanência e repasse do mito, que se reconfigura frente a novos impedimentos. Os encantados, por sua vez, tem a noite como *locus* pela forte associação apontada pelo próprio Delumeau (2009), visto que “o temor de ver o sol desaparecer para sempre no horizonte perseguiu a humanidade” (DELUMEAU, 2009, p. 140), restando somente as trevas habitadas por pavorosas criaturas que pertencem a nenhum dos mundos aqui observados: não o dos vivos e tampouco o dos mortos.

² Essa classificação é formada, na categorização do autor, por entes do imaginário destinados a constituir o bestiário que aterrorize crianças. No caso do Papafigo, é descrito como “um negro velho, sujo, vestindo farrapos, com um saco ou sem ele, ocupando-se em raptar crianças para comer-lhes o fígado ou vendê-lo aos leprosos ricos”. (CASCUDO, 2012, p. 225).

³ Interessante elencar, contudo, a recorrência com que se associam a aparição de entes penitentes ao meio-dia, à meia-noite, assim como à aurora e ao crepúsculo, simbolizando talvez o momento de passagem, o limiar onde estes se encontram.



Em suma, os entes necrófilos, próprios da noite, causam uma forte sensação de *estranhamento* frente a sua profana relação com os corpos dos mortos, sendo possível aqui observar a persistência da ideia do duplo na sensação experimentada no imaginário frente a relação de tais entes com os cadáveres: esses ainda respondem aos seus espíritos que já realizaram a passagem.

Dos agoueiros

Pensar em morte é pensar em meios de evita-la (negociata realizada de forma contraditória com os solícitos, uma vez que se invocam os representantes da Morte, que é no imaginário brasileiro encarado na face do próprio morto, para evita-la), assim como em métodos de perceber sua chegada. Os entes agoueiros se caracterizam por ser prenunciadores da morte, como é o caso do mito ao redor da coruja rasga-mortalha, que com seu canto denuncia a morte do vivente, assim como a própria personificação da Morte, que através de sopros ou demais augúrios denuncia sua presença, anunciando assim seus planos. Assim, o vivo torna-se capaz de invocar o mágico e livrar-se de tal sina, cumprindo os agoueiros sua característica fundamental, que não é necessariamente a do fato em si, ou seja, a morte consumada, mas do prenúncio da mesma. Lembremos, por fim, que a tipologação aqui almejada, não inclui a leitura da sorte realizada através de instrumentos místicos ou de supostos indícios encontráveis na natureza; diz respeito a entes e a eles apenas.

Considerações Finais

O uso do tipo-ideal para catalogação dos mitos não visa, conforme expresso no próprio método weberiano, uma classificação rígida dos mesmos, estando aberta às diversas facetas que estes apresentam. Devo salientar, por fim, que os recursos aqui expostos no que tange aos entes folclóricos e sua relação com a morte, configuram ferramentas específicas para o estudo do bestiário brasileiro, uma vez que o tipo-ideal dos mitos deve levar em consideração a matriz religiosa na qual este se encontra inserido.

Observemos por fim que a morte, enquanto um dos medos primários da humanidade, estabelece indiretas relações com os mais diversos entes do imaginário brasileiro, nosso objeto de estudo. Os entes aqui tipologados, entretanto, atendem a um estudo das relações



diretas estabelecidas entre a morte e os entes do folclore brasileiro, minimizando a quantificação de buscas e criando ferramentas para o estudo entre a forte relação estabelecida entre estes.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Edição especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BARROS, José d'Assunção. O acorde-Weber: uma análise sobre a identidade teórica de Max Weber. In: **Seminário de Ciências Sociais e Humanas**. Londrina: UEL, v. 31, n. 2, p. 179-202, jul./dez. 2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

_____. **Geografia dos Mitos Brasileiros**. São Paulo: Global, 2012.

COULANGES, Fustel. **A Cidade Antiga**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

DELUMEAU, Jean. **A História do Medo no Ocidente (1300-1880): Uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

FRANCO, Clarissa de. **A Cara da Morte: imaginário fúnebre no relato de sepultadores de São Paulo**. São Paulo: PUC, 2008.

LOBATO, Monteiro. **Sacy-Perê: resultado de um inquérito**. Edição fac-similar. São Paulo: Odebrecht, 1998.

REIS, José Carlos. A consciência histórica ocidental pos-1989: Paul Ricoeur e a vitória do projeto anglo-americano de conquista da "Comunidade Europeia" e do planeta. In: _____. **História da "consciência histórica" ocidental contemporânea**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

SILVA, Francisco Vaz da. Além dos Contos – Tipo. **Revista de Investigações Folclóricas**, Buenos Aires, v. 14, dez. 1999. p. 65-71.

THOMPSON, Stith. **The Folktale**. Nova Iorque: The Dryden Press, 1946.